A festa e a cidade no Portugal barroco

José Manuel TEDIM *

O Barroco ao assumir-se como uma cultura de massas escolheu a cidade como cenário e palco da festa. A concentração populacional sentida em toda a Europa, durante o Sec. XVII, em espaços urbanos explica a massificação e a tendência dos poderes instituídos em acentuar e orientar as suas políticas para o controlo efectivo das consciências colectivas. A festa, com todo o seu maravilhoso, enquanto escape, enquanto negação da rotina, enquanto tempo de esquecimento e de esvaziamento, acaba por funcionar como travão de ousadias, enfim, como esfriamento de transformações sociais repentinas. O status social e a ordem Barroca impunha-se e pouco evoluía. O sonho de atingir a áurea dos grandes adormecia os súbditos e ajudava à manutenção da ordem estabelecida.

Num regime social de privilégios, a cidade, ponto de encontro de contrastes, tornava-se espectáculo, pelo aparato dos seus palácios, pela ostentação das suas gentes, pela grandeza e majestade dos dias de festa. Com os acrescentos efémeros a cidade renovava-se, transformando-se numa cidade totalmente nova, de grande uniformidade, que, sem dúvida contrastava com a realidade multiforme dos edifícios que a constituíam. A praça e algumas ruas abriam-se aos grandes espectáculos da Corte. A cidade reaparecia ¹ como *Forum dos grandes*. Nela se concentravam os principais monumentos e momentos da amostragem do poder. Os palácios, as grandes avenidas e as monumentais praças tendiam a concentrar-se à volta dos símbolos do poder.

Se o Séc. XVII foi o grande construtor de cidades residência, o Sec. XVIII foi o século das monumentais transformações urbanas barrocas ², que, em alguns casos, como Paris, se projectaram para o século seguinte, através das reformas

^{*} Universidade Portucalense – Infante D. Henrique.

¹ Já na Roma Clássica os imperadores entravam e escolhiam a cidade capital do Império como o local para se apresentarem triunfantemente diante dos seus súbditos, que faziam levantar em sua honra e glória grandiosos arcos triunfais perenes. Também na cidade decorriam sempre as principais festas profanas ou religiosas e, na cidade, se instalavam os principais edifícios lúdicos e de lazer.

² MUNFORD, Lewis – *A cidade na História, suas origens transformações e perspectivas.* S.Paulo: Martins Fontes, 1982. p. 433.

aí realizadas por Hausseman. Além disso, Roma, Viena, Paris, Madrid, Lisboa e muitas cidades alemãs vão ser, palco, no Sec. XVIII, de imponentes festas de gala. Coches, estufas, seges e berlindas passeavam-se por entre arcos de triunfo, fontes, jardins e outros artefactos grandiosos e efémeros. O fantástico tomava conta da cidade. A paisagem urbana que se vislumbrava dos edifícios, transformava-se em espaço interior onde se desenrolava a festa, e as fachadas dos edifícios em cenários desses acontecimentos. À pompa desses cenários, acrescentava-se a riqueza da indumentária dos actores e o pasmo dos espectadores que se deixavam levar pelo sonho da grandeza que passava ao lado. Assim, a festa da cidade aproxima os que obedecem daqueles que mandam ³. A festa Barroca organiza o diálogo entre as instituições e as populações urbanas e o Poder.

Todos, no entanto, tinham acesso ao fantástico e ao inesperado do Barroco, pois, ao constituírem-se como o objecto a atingir, podiam, como espectadores, assistir aos diferentes momentos da festa e deixar-se deslumbrar perante os espaços resplandecentes da cidade. Este constante apelo às massas populares, usando o artifício, mais não pretendia que atrair e integrar todos os grupos sociais numa mesma ordem e num mesmo espírito, onde o equilíbrio entre diferentes constituía toda a base da sociedade Barroca. Ao comover e impressionar, num constante apelo aos sentidos, tornava-se mais fácil ao poder atingir os objectivos da governação, já que, persuadir é mais importante que demonstrar ⁴.

As cidades, em suma, despertavam-se para os grandes espectáculos desse Poder. A rede viária renovava-se para receber os cortejos reais e as entradas de embaixadores, para deixar passar, com todo o luzimento, as procissões e muitos outros préstitos. As fachadas dos edifícios engalanavam-se para acentuar a magnificência dos cenários festivos. Levantavam-se palcos para teatros, embora em si mesma a cidade seja o palco principal, convidando todos a participar nesse luzimento e a fruir ostentosamente o fantástico da vida ⁵. Apesar desta dinâmica que a festa provocava na cidade, os itinerários e espaços da festa pouco se alteraram desde meados do Sec. XVI.

Como na Roma dos Papas Barrocas, D. João V utilizou a cidade como espaço privilegiado para as suas manifestações de poder. Em vários momentos da sua vida, as cidades portuguesas foram utilizadas como palco onde o poder real actuava. Eram, no entanto, as entradas régias que mais impacto tinham sobre o espaço urbano. Estes dias impunham-se como dias grandes ⁶, durante os quais as cidades sofriam uma profunda alteração de forma, para conseguir uma imagem unitária e triunfal, que, normalmente não coincidia com a realidade. Esta encenação, contudo, trazia a luz e o brilho a estes espaços. A cidade vestia-se de gala, a cidade iluminava-se, a cidade enchia-se de manifestações festivas, a cidade distraía-se, enfim, a cidade tornava-se cenário do maravilhoso Barroco.

³ MARAVALL, José António – La cultura del Barroco. Madrid: Ariel, 1990. p. 492.

⁴ MARAVALL – La cultura del...p. 168.

⁵ MARAVALL – La cultura del...p. 267.

⁶ BONET CORREA, A. – Arquitecturas efímeras. Ornatos y Mascaras. El lugar y la teatralidade de la fiesta barroca. In *Teatro y fiesta en el Barroco*. *España e Iberoamérica*. Barcelona: Ed. el Serbal. 1986. p. 43.

A presença do monarca ou de algum membro da família real, alterava o quotidiano dos habitantes da cidade, contribuindo para a subversão das regras da rotina diária das gentes populares ⁷. A cidade transformava-se no grande teatro do Mundo. A cidade, em suma, oferecia a imagem sintética e idealizada, convertendo-se em espaço teatralizado cujo protagonista principal é o monarca ⁸.

As cidades com as quais D. João V contactou directamente, sofreram importantes intervenções, transformando-as num faustoso e efémero cenário montado para o dia especial, o dia da festa. A cidade deixou-se metamorfosear ⁹. As ruas do itinerário régio prepararam-se para o receber. Interveio-se no pavimento e nas fachadas das casas, que se mascararam com tapeçarias, sedas, panos de damasco, etc., montaram-se, enfim, falsos cenários, tentando criar uma nova realidade, que, embora não fosse parecia ostentar uma riqueza, que elevava os espíritos e reunia os súbditos à volta do seu dirigente máximo – o Rei. Enfim a animação tomou conta da cidade.

Em Lisboa sempre se privilegiou o Terreiro do Paço, o Rossio, as ruas que envolviam esta área urbana (espaço das massas populares) e o espaço privado do Paço Real (espaço do Rei e de parte da nobreza). A estes acrescentemos, ainda, a importância do rio Tejo como área integrante dos grandes momentos da festa Barroca em Portugal. As naumáquias não faziam parte da tradição da festa portuguesa, como acontecia com as touradas, mas era pelo rio que se davam as entradas das rainhas e embaixadores e se acedia a Lisboa, sempre que a família real se ausentava para a outra margem, constituindo, portanto, um espaço fundamental na montagem dos itinerários dos cortejos festivos.

A título de exemplo ouçamos o que nos revela o poeta da entrada em Lisboa de Maria Ana de Áustria, em 1708:

Embarcouse ElRey (Acompanhado) No Bergantim que a bordo o conduzia Do Supremo Conselho do Estado, Que regio aquelle acto alli fazia; E indo pelo mar já navegado Exercito marítimo o seguia: Que no campo de jaspe desta sorte O quartel de Neptuno era o da Corte.

Hião de tercio pelo, os remadores De ouro bem guarnecidos ricamente, E viãose brilhantes resplendores, Que senão divisava propriamente,

⁷ LOPES, António e GUINOTE, Paulo – Os tempos da festa: elementos para a definição, caracterização e calendário da festa n 1ª metade do século XVIII. In *A Festa*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos do Séc. XVIII, Universitária Editora, 1992. Vol. I, p. 367.

⁸ FERRER, Teresa – " Las fiestas públicas en la monarquía de Felipe II y Felipe III", Bietti, (Dir. de), La morte e la Gloria, apparati funebri medicei per Filippo II di Spagna e Marsherita d'Austria. Firenze: Sillabe, 1999. p.29.

⁹ MINGUEZ – Arquitectura efimera a la Valencia del S. XVIII. Valencia: Edicions Alfons el Magnànim, 1990. p.67.

Se era luz de esmeralda taes fulgores, Ou se era do ouro, o viso transparente: E só o Delfim sem vida que surcava, Era hum monte de ouro que na.....

Chegou este prodigio à Capitania Dando esta maravilha que envejar Ainda mais além da Transilvania; pois no mundo se não acha exemplar Deste asuumpto da nossa Lusitânia, Porque em tudo foy muy singular: E quando pela nao ElRey subia Nella a rainha Anna o recebia. (...)

Vinha de Áusria a Vénus adornada
De huma candida tela a mais luzida,
De preciosas pedras esmaltada,
Que a luz do sol ficou amortecida;
Pois com luzentes rayos eclypsada,
E estava a deosa tam desvanecida:
Que só no asável génio e na doçura,
Bem desmentia as leys da fermosura... 10.

Se durante o dia o foco de atenção do público se concentrava nos ornamentos das ruas, no repique dos sinos, na riqueza das vestimentas, no maravilhoso dos coches e andores, à noite eram as imensas luzes que se acendiam por toda a cidade que atraíam as multidões. Igrejas, conventos, palácios e casas mais humildes, todas se iluminavam, cada uma segundo a sua condição, independentemente dum plano pré-determinado ¹¹, ou seja, muitas das manifestações e propostas de luminárias se deviam à espontaneidade dos moradores que, muitas vezes eram eles próprios os responsáveis pelas soluções decorativas encontradas. A apoteose lumínica, cromática e ruidosa ¹² acontecia quando se realizavam os fogos de artifício, que decorriam sempre em espaços abertos, como em Lisboa, que se servia do Terreiro do Paço, salvo nos dias das festas da Troca das Princesas (1729) que, para ampliar os efeitos cénicos dos fogos pirotécnicos, também se utilizou a praça de armas do Castelo de São Jorge ¹³, alargando o campo visual de quem assistia do Terreiro do Paço,

Podemos, assim, falar de dois espaços distintos da festa. Um, previamente estabelecido, correspondia ao itinerário destinado aos principais eventos festi-

¹⁰ PASTANA, Cypriano de Pina – Entrada da Serenissima Rainha de Portugal D. Marianna de Áustria... Lisboa: Off. de António Pedrozo Galram, 1708. p. 16-17.

¹¹ MINGUEZ – Arquitectura efímera a la Valencia... p. 60.

¹² GONZALEZ ALCANTUD, José Antonio – Territorio y ruido en la fiesta. In CORDOBA, Pierre e ÉTIENVRE, Jean Pierre, (Dir. de) – *La Fiesta, La Ceremonie, el Rito.* Granada: Casa de Velasquez, Universidad de Granada, 1990. p. 70.

 $^{^{13}}$ Relaçam nova do fogo do castelo pelo mesmo Thomaz Pinto Brandam. Lisboa Ocid: Off. da Música, 1729.

vos e outro, mais amplo, que abrangia todo o recinto urbano e obrigava ¹⁴ à participação colectiva de todos os seus cidadãos.

Nem só a presença régia serviu de motivo a uma intervenção no espaço urbano. As procissões, que em Portugal, nomeadamente em Lisboa, faziam quase parte do quotidiano das populações, também tiveram um impacto constante sobre a cidade, tornando-a em palco constante da festa Barroca, Contra-Reformista.

Foi, no entanto, com a Procissão do Corpus Christi que se atingiu o ponto culminante do maravilhoso destas festividades. Esta manifestação religiosa secular realizava-se praticamente em todas as cidades e vilas portuguesas. Em todas elas obrigou à intervenção dos poderes locais na elaboração dos itinerários e consequentes intervenções no tecido urbano, tal como aconteceu em Lisboa, logo em 1717, pouco tempo depois da entrada triunfal de D. Tomás de Almeida como primeiro Patriarca:

...Sua Magestade, que Deus guarde, é servido que no dia da procissão do Corpo de Deus, que hade fazer a Sé Patriarchal, ordene o Senado que todas as ruas por onde passar estejam muito limpas, com condemnação a todos os que botarem nellas alguma cousa, na véspera ou no dia, ordenando-se aos moradores tenham armadas as portas, janellas e paredes e que as bandeiras dos officios, ao recolher da procissão se encostem das janellas do Paço antes de entrar o arco. Que não vão na procissão tourinhas, gigantes, serpe, adrago e esparteira, carros e as mais cousas semelhantes que costumavam dar os officios, nem dança alguma, nem os mouros que costumavam ir junto a S. Jorge: que na procissão não vá pállio de ló, mas outro rico. Que o Senado mande lançar cadeias nas boccas das ruas que vão sahir às da procissão, para que não entrem por ellas carruagens. Que ao clero e religiosos, quando se lhes der a cera, se lhes encommende a levem accesa.

A procissão hade sair pela Campainha, Tanoaria, Calcetaria, buscar a rua dos Ourives do Ouro, Douradores, rua dos Escudeiros, Rocio, donde hade voltar pela rua das Arcas, por detrás da egreja de S. Nicolau, Correaria, Ourives da Prata e no fim hade voltar pela rua Nova, Arco dos Pregos e recolher pelo Terreiro do Paço à Patriarchal... ¹⁵.

Se a paisagem urbana se alterava para as festas públicas, as festividades religiosas e palacianas, que decorriam em espaços fechados, produziam também cenários maravilhosos. Exéquias fúnebres, canonizações, sagrações, missas pontificais, Te Deum e outras celebrações decorriam em ambientes (espaços do clero) luxuosamente ornamentados de acordo com a efeméride que se celebrava. Os Palácios investiam no *decor* ¹⁶ dos seus interiores, enfim, a festa

¹⁴ Lembremos que a não participação nestes eventos tinha, muitas vezes, como consequência, o pagamento de pesadas multas, incluindo a pena de prisão.

¹⁵ OLIVEIRA – Elementos para a História do Município de Lisboa. Lisboa: Typographia Universal, 1882. Vol. 11. p. 192-193.

¹⁶ Sobre este assunto consulte-se, Nicolas Saint Fare Garnot – Le décor des Tuileries sous le règne de Louis XIV. Paris: Ed. de la Rêunion des Musées Nationaux, 1988.

urbana interiorizava-se, deixando passar para o exterior os relatos e, essencialmente, o sentimento de alegria ou tristeza que estava inerente ao espírito de cada uma das realizações.

A cidade e a festa são dois conceitos que andam sempre unidos. As suas Instituições politico-religiosas foram as responsáveis por essas transformações. O poder central delegava nelas a responsabilidade de organizar e apoiar financeiramente o levantamento desses cenários. Por sua vez, eram os seus habitantes, através das instituições de artes e ofícios, que se encarregavam de dar corpo às obras efémeras que ornamentavam o espaço destinado às diferentes acções festivas. O contacto entre o monarca e as populações era expresso, muitas vezes, nas mensagens que cada uma dessas obras conseguia transmitir. Nesse sentido, os poderes punham ao seu serviço os literatos que dominavam o saber do simbólico, que, como seria de esperar, se concentravam nas instituições cultas da cidade, e rodeavam-se dos melhores artistas de áreas profissionais bem distintas, para a realização dos respectivos programas efémeros. Como afirma Maria Pilar Pedraza a festa régia punha em confronto, no mesmo espaço, homens de formação bem distinta e de formação artística bem diferente ¹⁷.

A propósito deste assunto atente-se no conteúdo da Acta da vereação da Câmara de Elvas de 8 de Maio de 1728, que regista a preocupação da comunidade urbana com os preparativos para a recepção à família real que aí se deslocava para a célebre Troca das Princesas (1729):

...e logo nesta vereação, o Dr. Juiz de Fora presidente deste Senado, apresentou uma carta do governo de armas desta província do Alentejo, D. João Diogo D'Ataíde, sendo o subscripto para elle e este Senado e, abrindo-o na dita vereação se viu que Sua Magestade, que Deus guarde, lhe ordenava pela sua secretaria de estado se armassem as portas e ruas desta cidade e se fizessem arcos nella e nas mais terras por onde houvessem de passar as Serenissimas Senhoras Princezas deste reino de Portugal e Castela, não entrando na dita armação senão seda e não houvesse danças ridiculas como em outro tempo haviam. A cuja execução se empregaram logo, mandando notificar várias pessoas para o concerto e ornato dos ditos arcos, e que a carta se registasse e que as pessoas mandadas notificar, que são José Gomes, alfaiate, João Fernandes Cordeiro, alvané, Manuel Nunes, sapateiro, João Costa, ferreiro, Pedro Alvares Monteiro, mercador e Manuel Gomes da Serra, mercador, viessem à presente para se lhes distribuírem os arcos que elles e as mais pessoas do seu offício e os que lhe anexarem hãode fazer... ¹⁸.

Além disso, os membros das Câmaras e os *Ministros da Rellassão*, acabavam por tirar alguns benefícios com a realização destes eventos. A cada momento da festa correspondia sempre o pagamento de propinas, que, muitas vezes, já estavam determinados ¹⁹.

¹⁷ PEDRAZA – Barroco efimero en Valencia. Valencia: Ayuntamento de Valencia, 1982. p. 23.

¹⁸ B.M.ELVAS - V.434/82, fol. 9v.

¹⁹ OLIVEIRA – Elementos para a História...Vol. I, P. 25-31, deixou-nos um importante registo das propinas que os membros da Câmara de Lisboa recebiam devido à sua colaboração e participa-

A festa barroca revelava-se, portanto, como uma manifestação multitudinária. Todos os habitantes da cidade eram convidados ²⁰ a participar nelas pelos representantes do poder, apelando a reacções de júbilo ou de tristeza, conforme o sentido da festa, embora saibamos que a grande maioria fossem meros actores mudos, dum espectáculo no qual sonhavam ter parte activa. Apesar deste convite à participação colectiva, a festa Barroca ...es expresión de una estructura social ferreamente jerarquizada... ²¹.

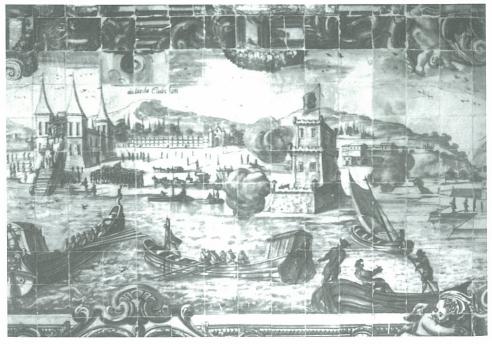


Fig. 1 – A cidade palco da Festa. Troca das princesas, entrada triunfal em Lisboa (1729)

ção em cada um dos momentos das festas. Assim, e a título de exemplo, o Presidente de Senado da Câmara de Lisboa, recebia, por acompanhar dezanove procissões, setenta e seis mil reis, por cada noite de luminárias, vinte e quatro mil reis, etc. Os Vereadores por acompanhar as mesmas procissões recebia, cada um, trinta e oito mil reis, por cada noite de luminárias recebia doze mil reis, por noite de fogo de artifício, dois mil reis e outro tanto por cada tarde de touros. O Vereador do pelouro da saúde, pela entrada de Rei ou Princesa no Reino, e em noite de luminárias ou de fogo de artifício tinha direito ao pagamento de oito mil reis de propinas. Os Procuradores da cidade recebiam em noite de luminárias ou fogo de artifício, nove mil e seiscentos reis, para gala cento e sessenta mil reis, em dia de auto da fé, nove mil e seiscentos reis, para luto oficial, oitenta covados de baeta, para ramalhete e luvas, no dia da procissão do Corpo de Deus recebia mil e duzentos reis, para compra de carneiro na Páscoa , mil e duzentos reis e para compra de porco no Natal, dois mil e quatrocentos reis. Sobre este assunto veja-se, ainda, Joaquim Jaime B. Ferreira Alves – O magnífico aparato: Formas da Festa ao serviço da família real no Século XVIII. In Separata da *Revista de História*. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1993. Vol. XII. p. 190-191.

Lembremos as funções do Bando e do Porteiro da Câmara na divulgação pública desses eventos.
 FERRER, Teresa – Las fiestas públicas..., Bietti, (Dir. de). La morte e la Gloria..., p. 28.